



**INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES – BHU**

JERVANIO MANUEL DOMINGOS DIOGO

**SEGREGAÇÃO E DINÂMICAS SOCIAIS EM NÚCLEOS URBANOS
PERIFÉRICOS: IMPACTOS DO ISOLAMENTO SOCIAL E DA COESÃO SOCIAL
NO COTIDIANO DA CENTRALIDADE DO KILAMBA (2017-2024)**

**ACARAPE, CE
NOVEMBRO DE 2025**

JERVANIO MANUEL DOMINGOS DIOGO

**SEGREGAÇÃO E DINÂMICAS SOCIAIS EM NÚCLEOS URBANOS
PERIFÉRICOS: IMPACTOS DO ISOLAMENTO SOCIAL E DA COESÃO SOCIAL
NO COTIDIANO DA CENTRALIDADE DO KILAMBA (2017-2024)**

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) em formato de projeto de pesquisa, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB).

Orientador: Dr. Igor Monteiro Silva

**ACARAPE, CE
NOVEMBRO DE 2025**

JERVANIO MANUEL DOMINGOS DIOGO

**SEGREGAÇÃO E DINÂMICAS SOCIAIS EM NÚCLEOS URBANOS
PERIFÉRICOS: IMPACTOS DO ISOLAMENTO SOCIAL E DA COESÃO SOCIAL
NO COTIDIANO DA CENTRALIDADE DO KILAMBA (2017-2024)**

Trabalho de Conclusão do Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 18 de novembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Orientador e presidente: Prof. Dr. Igor Monteiro Silva
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Examinadora: Profa. Dra. Daniele Ellery Mourão
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Examinador: Prof. Dr. Caio Monteiro Silva
Universidade Federal do Ceará (PPGP-UFC)

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	5
2. JUSTIFICATIVA.....	9
3. DELIMITAÇÃO/PROBLEMATIZAÇÃO	11
4. OBJETIVOS.....	14
4.1. Objetivo Geral	14
4.2. Objetivos específicos.....	14
5. HIPÓTESES	14
6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
6.1. CONCEITOS E INDICADORES DE SEGREGAÇÃO URBANA E COESÃO SOCIAL.....	15
6.2. HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO DA CENTRALIDADE DO KILAMBA.....	19
6.3. IMPACTOS DA SEGREGAÇÃO URBANA E DO ISOLAMENTO SOCIAL NO COTIDIANO DOS MORADORES (2017 A 2024)	22
6.4. COESÃO SOCIAL E CONVIVÊNCIA COMUNITÁRIA NO KILAMBA (2017 A 2024).....	25
7. METODOLOGIA	27
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

1. APRESENTAÇÃO

A segregação é um fenômeno urbano complexo, manifesta-se na distribuição desigual de grupos sociais no espaço, refletindo desigualdades estruturais que permeiam a sociedade. A segregação urbana, marcada pela distribuição desigual de grupos sociais no espaço, é um reflexo das desigualdades estruturais que permeiam a sociedade. A autora Raquel Rolnik sublinha que o mercado imobiliário formal produz segregação ao tratar a moradia como mercadoria, expulsando os mais pobres para as bordas da cidade.

Por outro lado, a coesão social refere-se ao grau de conexão, a intensidade das interações, solidariedade e harmonia entre os membros de uma sociedade ou grupo. É o que mantém as pessoas unidas, promovendo estabilidade, cooperação e um senso de pertencimento. Ela é fundamental para a construção de cidades justas e inclusivas, e depende da capacidade de integrar diferenças em projetos coletivos, superando fragmentação e exclusão (CASTELLS, 1999, p. 156).

Por conseguinte, o isolamento social ocorre quando um indivíduo ou grupo tem pouca ou nenhuma interação significativa com outras pessoas, seja por circunstâncias externas (como uma pandemia) ou por escolha própria (como no caso de pessoas introvertidas ou com transtornos psicológicos), de acordo com Milton Santos (2002), o isolamento social é uma forma de exclusão espacial e simbólica, em que grupos marginalizados são confinados a territórios periféricos, distantes dos centros de decisão e oportunidades, reproduzindo ciclos de pobreza e segregação.

Durante o período colonial, o desenvolvimento urbano de Luanda foi caracterizado por uma série de restrições e profundas desigualdades, onde a infraestrutura precariamente desenvolvida e a concentração na região costeira contrastavam com um cenário de segregação racial acentuada. A cidade era rigidamente dividida, permitindo à elite europeia desfrutar de condições de vida superiores e acesso privilegiado a serviços, enquanto a vasta maioria da população Luandense era realojada às margens periféricas, enfrentando dificuldades severas e condições de vida precárias (HENRIQUES, 1998). Essa segregação espacial não era meramente geográfica, mas um espelho fiel das relações de poder coloniais, nas quais a população local era sistematicamente explorada e marginalizada.

O período pós-independência de Angola, em 1975, trouxe consigo uma nova camada de complexidade para a urbanização de Luanda, marcada pela guerra civil que desencadeou um contínuo e massivo fluxo de êxodo rural para a capital. Esse fluxo populacional sem precedentes resultou no rápido e desordenado crescimento de subúrbios, favelas e na insuficiência de

medidas de acolhimento adequadas, sobrecarregando uma infraestrutura já fragilizada (PEARCE; MARQUES, 2017). A ausência de um planejamento urbano eficaz, a falha na implementação de políticas públicas e a corrupção enraizada nos órgãos de gestão contribuíram para uma expansão urbana descontrolada, que empurrou as condições de vida das populações nas periferias para níveis cada vez mais precários.

A guerra civil angolana, que se estendeu até 2002, teve um impacto devastador na infraestrutura de Luanda, causando problemas graves em setores como habitação, saneamento e serviços públicos essenciais. A falta de manutenção, aliada aos danos diretos do conflito, levou à degradação do que já existia, tornando a vida dos cidadãos da cidade ainda mais desafiadora. Apesar do fim da guerra civil em 2002, Luanda continuou a enfrentar desafios persistentes, embora os acordos e negociações relacionados ao petróleo tenham impulsionado a economia angolana e permitido investimentos na reconstrução de infraestruturas. Contudo, fatores como a desigualdade socioeconômica, a pobreza generalizada, a ausência de saneamento adequado e o congestionamento urbano massivo persistiram como obstáculos ao desenvolvimento sustentável (DOS SANTOS, 2015).

A expansão periférica de Luanda é, em grande medida, um resultado direto do intenso êxodo rural, dramaticamente acentuado pela prolongada guerra civil, que forçou um grande número de angolanos a buscar segurança e oportunidades econômicas na capital. Esse crescimento populacional exponencial superou drasticamente a capacidade da infraestrutura existente, que não havia sido projetada para acolher tal volume de novos habitantes (AFONSO, 2022). Essas regiões periféricas de Luanda são caracterizadas por uma expansão rápida e muitas vezes desesperada de bairros informais, onde a população se estabelece em musseques antes que qualquer planejamento formal possa ser sequer iniciado. Forçados por condições de vida extremas e pela escassez de recursos, esses habitantes ocupam qualquer pedaço livre de terra, vivendo em áreas desprovidas de acessibilidade aos direitos humanos básicos, como água potável, saneamento e eletricidade (ARTUR, 2024). Essa alta densidade populacional, combinada com a urbanização não planejada, multiplica os perigos para a saúde pública e agrava a vulnerabilidade social, uma vez que muitos cidadãos não possuem alternativas viáveis de moradia.

Nesse contexto de expansão periférica, a população de baixa renda em Luanda se encontra cada vez mais segregada, concentrando-se nas franjas da cidade, enquanto as áreas centrais são crescentemente ocupadas pela população de alta renda. Essa divisão espacial acentuada contribui diretamente para a manutenção e perpetuação da desigualdade social,

efetivamente excluindo os moradores da periferia das mesmas oportunidades de acesso a serviços, educação e trabalho disponíveis nas áreas mais privilegiadas (COSTALONGA et al., 2024). Um processo de urbanização desintegrado pode, assim, transformar a cidade em um espaço socialmente discordante, comprometendo a coesão social e impossibilitando a construção de uma cidade verdadeiramente equitativa e justa.

A centralidade do Kilamba, construído pela China International Fund (CIF)¹, considerado o maior projeto de construção em Luanda desde a independência do país em 1975. Localiza-se na província de Luanda (Angola), na extremidade nordeste do município de Belas, ao sul do estádio nacional 11 de Novembro, este projeto surge nesse cenário complexo como uma das iniciativas mais ambiciosas do governo angolano para transformar o panorama habitacional de Luanda, respondendo à crescente e urgente demanda por moradia na capital. Concebido como uma cidade satélite moderna, o projeto visava criar um espaço urbano planejado e dotado de uma infraestrutura completa, representando uma aspiração de modernidade e organização (ARTUR, 2024). A parceria sino-angolana, que financiou a construção através da exploração de petróleo bruto, simbolizou um marco nas relações econômicas entre os dois países, prometendo uma solução em larga escala para o déficit habitacional.

A construção do projeto urbano da centralidade do Kilamba teve em 31 de agosto 2008 Foi o Presidente José Eduardo dos Santos² que inaugurou oficialmente a central em 11 de julho de 2011 e lançou a primeira pedra do mesmo, o que o representou um marco histórico na cidade de Luanda, e na expectativa do Angolanos sobre a possibilidade de ter realizado o sonho da casa. O projeto original da centralidade do Kilamba implicava uma área de terra de 54 Km², com 710 edifícios de habitação, 3.800 apartamentos (Construídos na primeira fase do projeto), atualmente mais de 25.000 apartamentos foram comercializados, 24 creches, 9 escolas primárias, 8 liceus e 50 km de estradas³. A infraestrutura prevista compreendia água de abastecimento, esgotos e energia, bem como recreação e instalações comerciais. A escala do projeto refletia a aspiração a criar uma cidade inteira, capaz de satisfazer as necessidades de uma grande população.

¹ O China International Fund (CIF) é um grupo empresarial chinês privado, com sede em Hong Kong, fundado em 2003, que se dedica a financiar projetos de infraestruturas e reconstrução nacional em países em desenvolvimento, especialmente na África.

² José Eduardo dos Santos foi uma das figuras mais importantes e controversas da história moderna de Angola. Ele foi o **segundo Presidente de Angola**, governando o país por quase quatro décadas, de **1979 a 2017**.

³ LUSA, A. **Segunda fase do Kilamba vai avançar - Rede Angola - Notícias independentes sobre Angola**. Disponível em: <<http://m.redeangola.info/segunda-fase-do-kilamba-vai-avancar/>>. Acesso em: 30 set. 2025.

Apesar do dinamismo na construção da Centralidade do Kilamba, que viu edifícios residenciais, escolas, creches e infraestrutura rodoviária serem concluídos rapidamente entre 2008 e 2011, o projeto enfrentou desafios significativos desde o início. A lentidão na ocupação dos apartamentos gerou intensas discussões sobre a adequação dos preços praticados, que se mostravam inacessíveis para grande parte da população angolana, e a falta de integração do Kilamba com os demais serviços e pontos centrais de Luanda (ARTUR, 2024). A ausência de transporte público eficiente e a carência de serviços básicos nas proximidades contribuíram para a baixa ocupação inicial, evidenciando uma desconexão entre o planejamento e as necessidades reais dos potenciais moradores.

O aspecto que marca a população do Kilamba, é o seu caráter jovem e por isso muito fértil, relativamente aos altos índices de natalidade. Face a estes desafios, primeiramente, surge a necessidade de seguir melhores políticas na área do ensino, dos cuidados médicos e do tempo de lazer, a fim de garantir o bem-estar das crianças e jovens, usufruindo de uma vida condigna. Por outro lado, a consideração da abordagem relacionada à natureza humana em si, ou seja, ao futuro da própria região com jovens imensamente ativos no trabalho, representa um investimento futuro.

A Centralidade do Kilamba continua a ser um marco no desenvolvimento urbano de Angola, com o potencial suficiente para influenciar ou ditar rumos futuros de projetos habitacionais. O projeto demonstrou a capacidade do país de realizar obras de grande porte, mas também evidenciou a necessidade de planejamento urbano mais eficiente e inclusivo.

Neste contexto, o presente trabalho, propõe-se a investigar os impactos da segregação, do isolamento social na convivência cotidiana da centralidade do kilamba. Aprofundando o entendimento sobre as ramificações da segregação, do isolamento social em um ambiente urbano periférico singular, onde a coesão social é testada pela convivência de diferentes estratos e origens. Assim sendo, a relevância dessa temática reside na urgência de compreender os impactos da segregação, do isolamento social e da baixa coesão social de diferentes grupos que dividem o mesmo espaço urbano, e como essa dinâmica social afetam a qualidade de vida dos moradores, bem como as relações sociais.

2. JUSTIFICATIVA

A escolha do tema do presente trabalho “Segregação e dinâmicas sociais em núcleos urbanos periféricos: impactos do isolamento social e da coesão social no cotidiano da centralidade do kilamba (2017-2024)” deu-se em primeira instância por motivações pessoais, tendo em que após a conclusão do curso técnico em urbanismo no centro de formação profissional CEFOPROF-Angola, as questões urbanas e suas complexidades passaram a despertar o meu interesse de estudo e a necessidade de compreensão dessas questões em suas variadas formas. Minha ligação com este tema nasceu da experiência direta de observação das dinâmicas sociais em diferentes centralidades de Luanda, onde enxerguei períodos de aparente inércia social, marcados por um isolamento social, considerando os finais de semana, e épocas festivas, sendo visível a ausência de uma vitalidade comunitária espontânea.

Por outro lado, ao chegar ao Brasil percebi a partir da convivência cotidiana, um estilo de vida entre a vizinhança de nativos que muito lembra as questões que outrora via em Angola nas centralidades do Kilamba, e Capari, que é o isolamento social (Onde as pessoas têm pouco ou nenhum contato com outras pessoas ao redor), e de baixa coesão social (Onde os laços entre os membros de uma sociedade, comunidade ou grupo são fracos, ou marcados por desconfiança, falta de solidariedade e pouca colaboração, é como se as pessoas de um mesmo lugar não se sentissem parte de um grupo unido), essa percepção reforçou o meu interesse de estudo aprofundando pelo tema, visto que são assuntos de dinâmicas contemporâneas que influenciam a qualidade de vida dos moradores que fazem parte desse tecido social. E como jovem Angolano, que teve experiências de vida em centralidades que percebia o isolamento das pessoas nas interações sociais, sobretudo a ausência de interesse na construção de um espaço onde existe o sentido de “Nós” entre os vizinhos, e que pretende dar seu contributo ao País, visto que é necessário criar reflexões à volta desta temática que pode servir como um instrumento importante na conscientização da sociedade Angolana.

As iniciativas governamentais em Angola, especialmente após o fim da guerra civil, têm sido marcadas por um forte investimento em políticas habitacionais, com vista em reorganizar o espaço urbano e suprir a necessidade de habitação. Razão pela qual surge a iniciativa de apostar na criação de "novas centralidades", como a do Kilamba, que acaba sendo um exemplo emblemático dessa abordagem, refletindo a prioridade dada à construção de infraestruturas modernas e de moradias em larga escala. Documentos como o Plano de Desenvolvimento Nacional (PDN) de Angola reiteram a importância da habitação digna e da urbanização para o desenvolvimento do país, demonstrando o comprometimento do Estado com essa agenda.

No entanto, a implementação dessas políticas também tem gerado debates sobre a sua efetividade em promover a inclusão social e a diversidade. Embora as centralidades tenham fornecido moradia para muitos, o desafio reside em garantir que esses projetos não se tornem enclaves, mas sim parte integrante de um tecido urbano mais coeso e equitativo.

O desenvolvimento inclusivo na Centralidade do Kilamba é uma meta fundamental para garantir que o projeto cumpra seu potencial de beneficiar a todos os seus moradores e a sociedade angolana como um todo, e isso implica ir além da provisão de moradia. Um aspecto crucial do desenvolvimento inclusivo é a criação de um ambiente que valorize e celebre a diversidade, seja ela socioeconômica, cultural ou étnica. Isso pode ser alcançado através de programas educacionais que promovam a convivência, a criação de espaços públicos que estimulem a interação social entre diferentes grupos e a implementação de políticas que garantam a representatividade de todos os moradores nos processos de decisão. O fomento de uma cultura de respeito e valorização das diferenças é essencial para construir uma comunidade verdadeiramente inclusiva.

Nessa perspectiva, o objetivo é que o Kilamba se torne um modelo de desenvolvimento urbano que não apenas resolva o problema da habitação, mas que também promova a coesão social e a inclusão de todos os cidadãos, em linha com os princípios de um Estado democrático de direito que busca a igualdade de oportunidades para todos, como preconizado na Constituição da República de Angola.

Em segunda instância, a relevância social deste estudo se expressa na necessidade de compreender como as dinâmicas de segregação, isolamento social e baixa coesão social afetam diretamente a vida cotidiana de comunidades urbanas periféricas, com foco específico na centralidade do Kilamba, em Luanda. Essas realidades urbanas, marcadas por isolamento de pessoas das interações sociais, segregação, e a baixa convivência comunitária em que há fragilidade dos laços sociais de união, impactam profundamente as relações interpessoais, o acesso a direitos básicos e a qualidade de vida dos moradores. Assim sendo, estudar essas questões é fundamental para lançar luz sobre os desafios enfrentados por moradores de núcleos urbanos periféricos. Ao investigar os impactos da segregação, isolamento social e da baixa coesão social no contexto do Kilamba, a pesquisa poderá fornecer subsídios relevantes para políticas públicas mais inclusivas e eficazes, que levem em consideração as especificidades locais e promovam a integração social. Além disso, compreender os efeitos do isolamento social e da baixa coesão social comunitária também é essencial para a prevenção de problemas como a violência urbana, o desemprego estrutural e o enfraquecimento da cidadania ativa.

Em terceira instância, a relevância acadêmica deste projeto surge na perspectiva de contribuir de forma significativa para os campos da sociologia urbana, da geografia humana, da antropologia urbana e das ciências sociais aplicadas ao planejamento urbano. Ao abordar de maneira crítica sobre a segregação, isolamento social e a coesão social na centralidade do Kilamba, a pesquisa amplia a produção científica sobre os processos de urbanização contemporânea em contextos africanos, particularmente no Sul Global, onde as transformações urbanas costumam ocorrer de forma acelerada, desigual e pouco estudada sob uma perspectiva crítica. Deste modo, o estudo tem um caráter interdisciplinar, pois articula conceitos sociológicos, urbanos e políticos para analisar as formas como as populações do Kilamba vivem, percebem e resistem ao isolamento social. No entanto, abordagem integrada enriquece o debate acadêmico ao propôr uma leitura que considera tanto as estruturas urbanas quanto os sujeitos e suas práticas cotidianas. A centralidade do Kilamba, por sua especificidade histórica, geográfica e social, oferece um campo fértil para compreender como políticas de urbanização, programas habitacionais e dinâmicas socioeconômicas moldam o tecido urbano e as relações sociais.

Por fim, o estudo se destaca por sua capacidade de contribuir para a formulação de políticas públicas mais justas e informadas, ao oferecer uma compreensão mais profunda dos impactos sociais da segregação e da baixa coesão social. Dessa forma, a pesquisa vai além dos muros da universidade e afirma o papel do conhecimento acadêmico na construção de cidades mais inclusivas, resilientes e equitativas.

3. DELIMITAÇÃO/PROBLEMATIZAÇÃO

O presente trabalho terá como foco de estudo em Segregação e dinâmicas sociais em núcleos urbanos periféricos: impactos do isolamento social e da coesão social no cotidiano da centralidade do Kilamba (2017-2024) e delimita-se em compreender os impactos do isolamento social e da fragilidade da coesão social na convivência cotidiana dos moradores da centralidade do Kilamba no período de 7 anos (2017 à 2024). O recorte temporal de 2017 a 2024 é justificado por ser um período de um amplo crescimento no número de moradores da centralidade, marcando esta época por um desenvolvimento urbano e social da centralidade do Kilamba. Segundo o portal de Jornalismo digital Rede Angola, Em 2017 o governo de Angola anunciou planos de parceria público-estatal afim de expandir a construção da centralidade do Kilamba das 25.002 unidades habitacionais iniciais para cerca de 90.000 fogos, ou seja, a construção de quase 65.000 novas unidades habitacionais, em resposta a alta procura e a ocupação rápida (Factor que evidencia o crescimento populacional), sendo que até poucos anos depois da

inauguração do projeto, aproximadamente 80% das unidades habitacionais já se encontravam comercializadas e ocupadas⁴. Razão pela qual, acredita-se que nesse período a centralidade começou a registrar um crescimento populacional significativo, impulsionado por políticas habitacionais que permitiram maior acesso de camadas médias e populares aos apartamentos até então subocupados.

Já em 2024, este ano marca uma década desde o início efetivo da ocupação do bairro e um momento de intensificação dos debates sobre cidadania, mobilidade urbana e coesão social na capital angolana. Entretanto, a delimitação desse intervalo de 2017-2024 visa oferecer uma análise exploratória em uma fase ainda pouco investigada, contribuindo com futuras comparações com os outros períodos, evitando assim generalizações excessivas.

A segregação urbana é um fenômeno marcante nas grandes cidades africanas contemporâneas, refletindo desigualdades históricas, econômicas e políticas que se reproduzem nos espaços urbanos. No caso do Kilamba, uma centralidade urbana projetada em Luanda, Angola, observa-se um cenário de urbanização planejada que, embora tenha como objetivo promover habitação digna, acaba reproduzindo padrões de exclusão e distanciamento social. A localização periférica, o perfil socioeconômico dos moradores e a carência de integração com outras áreas da cidade contribuem para formas sutis de isolamento social, dificultando a formação de vínculos comunitários e de redes de apoio mútuo no cotidiano. Como afirma Milton Santos (2002), “o espaço geográfico é também o espaço das solidariedades e das exclusões”, revelando como a organização urbana pode reforçar distâncias sociais, pois o espaço urbano não é neutro ou apenas físico, sendo que ele carrega e expressa de forma nítida as relações sociais. No caso de algumas centralidades de Angola, tem se visto que o tornaram-se lugares de moradias apenas, mas não necessariamente lugares de convivência. Do mesmo modo, Lefebvre (2001) argumenta que “a produção do espaço está diretamente ligada às relações de poder e ao controle social”, o que ajuda a entender como o projeto urbano do Kilamba impacta a vida social de seus moradores.

Ao mesmo tempo, a baixa coesão social no Kilamba evidencia um desafio comum em núcleos urbanos periféricos modernos: a ausência de um senso de pertencimento coletivo. A convivência cotidiana torna-se marcada por interações frágeis e limitadas, o que reduz a confiança entre os moradores e compromete a construção de um tecido social sólido. Essa

⁴ Governo autoriza construção de mais dez mil apartamentos na Centralidade do Kilamba, disponível em: <http://m.redeangola.info/governo-autoriza-construcao-de-mais-dez-mil-apartamentos-no-kilamba/> Acesso em: 08 Set 2025

realidade afeta diretamente a qualidade de vida dos habitantes, ao limitar práticas de solidariedade, participação cidadã e segurança comunitária. Durkheim (1996) já destacava que “a coesão social depende da densidade moral dos laços entre os indivíduos”, para o autor, a coesão social não é um efeito da proximidade física, mas das relações morais e simbólicas construídas entre os membros de um grupo, reforçando assim, a importância de vínculos interpessoais para a harmonia comunitária. Complementarmente, Bauman (2003) observa que “a modernidade líquida dissolveu muitas das estruturas estáveis de convivência, gerando comunidades frágeis e relações passageiras”, através dessa análise sociológica o autor usa a expressão “Comunidade frágeis” para relatar que apesar da infraestrutura e habitação de qualidade, espaços urbanos em semelhança com Kilamba, ainda enfrentam grandes desafios no fortalecimento dos laços sociais e no desenvolvimento de uma cultura de convivência sólida.

Além dos fatores estruturais e sociais, as dinâmicas simbólicas e culturais também desempenham um papel crucial na manutenção do isolamento social no Kilamba. A diversidade de origens dos moradores, aliada à esse distanciamento simbólico agrava a fragmentação social e compromete o potencial do espaço urbano como promotor de cidadania ativa e convivência plural. Segundo Bourdieu (1989), “os espaços sociais são também espaços simbólicos, nos quais se constroem percepções e distinções sociais”, isso mostra que em alguns núcleos urbanos planejados percebe-se que os moradores partilham o mesmo ambiente físico, mas suas identidades sociais, trajetórias e percepções criam fronteiras invisíveis que dificultam a integração. Essas distinções muitas vezes baseadas em classe, origem, ou status, são internalizadas e reproduzidas no cotidiano, reforçando o isolamento social.

Diante dessas transformações, torna-se essencial analisar como a segregação urbana e a baixa coesão social afetam diretamente o cotidiano dos moradores do Kilamba, principalmente nos âmbitos das interações interpessoais, do uso do espaço público e da construção de vínculos de pertencimento. A pesquisa busca compreender se a configuração espacial da centralidade, somada às dinâmicas sociais e simbólicas, tem contribuído para o fortalecimento de laços comunitários ou para o agravamento do isolamento. A análise desses elementos é fundamental para compreender os limites e possibilidades da convivência urbana em contextos periféricos planejados, com vistas a propor caminhos que favoreçam uma maior inclusão social e a valorização das relações humanas no ambiente urbano. Diante disto questionamos:

Como a segregação urbana e o isolamento social influenciaram a coesão social no cotidiano dos moradores da centralidade do Kilamba, entre 2017 e 2024?

Quais são os impactos da baixa coesão social na convivência e nas relações de vizinhança dos residentes da centralidade?

Quais são as percepções dos próprios moradores sobre o pertencimento, a confiança e a solidariedade em sua vizinhança?

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

- ✓ Compreender como os impactos do isolamento social e da baixa coesão social afetam a harmonia comunitária no cotidiano da centralidade do kilamba no intervalo de 2017 à 2024

4.2 Objetivos específicos

- ✓ Conceituar a segregação urbana e coesão social.
- ✓ Caracterizar o histórico, o planejamento urbano e o perfil dos moradores do Kilamba.
- ✓ Avaliar os impactos do isolamento social no cotidiano da centralidade do kilamba no intervalo de 7 anos (2017 a 2024).
- ✓ Investigar a convivência comunitária dos moradores do Kilamba, redes de vizinhança, e solidariedade (2017 a 2024).

5. HIPÓTESES

H1- A Centralidade do Kilamba reforça um padrão de segregação urbana ao concentrar população de mesma faixa de renda, limitando a diversidade social do espaço. Um fator que amplia a indiferença entre classes sociais que coexistem fisicamente.

H2- A coesão social na centralidade do Kilamba é enfraquecida pela percepção de frieza, desconfiança, indiferença entre vizinhos, o que acaba impedindo a formação de confiança mútua e memórias coletivas essenciais à coesão.

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nossa fundamentação teórica aborda as dinâmicas de segregação e coesão social em núcleos urbanos periféricos, com foco nos impactos do isolamento social e da baixa coesão comunitária no cotidiano dos moradores da centralidade do Kilamba, entre os anos de 2017 a 2024. O trabalho dialoga com autores das áreas da sociologia urbana, geografia humana e educação, políticas públicas, arquitetura e urbanismo permitindo extrair reflexões críticas sobre as dinâmicas urbanas, bem como, apoiar a análise da conjuntura histórica, sociocultural, econômica e habitacional que molda a realidade da centralidade do Kilamba, buscando compreender como os núcleos urbanos influenciam as relações sociais, e as práticas cotidianas dos seus habitantes. Para melhor enquadramento da investigação, serão desenvolvidos os quatro tópicos que nortearão nossas seções: Conceitos e indicadores de segregação urbana e coesão social; Histórico e caracterização da centralidade do Kilamba; Impactos da segregação residencial e do isolamento social no cotidiano dos moradores; Coesão social e convivência comunitária no Kilamba.

6.1. CONCEITOS E INDICADORES DE SEGREGAÇÃO URBANA E COESÃO SOCIAL

A urbanização contemporânea apresenta desafios diversos, com a segregação urbana e a coesão social emergindo como questões cruciais para o desenvolvimento das cidades. A segregação urbana é entendida como a distribuição desigual de grupos sociais em diferentes áreas da cidade, enquanto a coesão social se refere à força dos laços sociais e à inclusão de todos os cidadãos na vida comunitária.

Em sua análise do espaço urbano, Santos (2012, p. 220) afirma que “na maioria dos casos, como na África, a segregação racial transformou-se em segregação social depois da descolonização. Por essa razão o tecido urbano é o lugar confrontações em potencial”. Santos argumenta que mesmo depois do fim do colonialismo, as desigualdades continuaram presentes nas cidades, só que de outra forma. Por isso, o espaço urbano acaba sendo um lugar onde grupos diferentes, com realidades e interesses distintos, vivem juntos, mas muitas vezes em tensão, o que pode gerar conflitos. Isso mostra como a cidade reflete a história e as desigualdades que ainda existem.

Assim sendo, segregação urbana é um conceito que se desdobra em várias dimensões, refletindo as desigualdades sociais e econômicas que permeiam as cidades. Diante dessa análise Caldeira (2000) ressalta que,

A segregação tanto social quanto espacial é uma característica importante das cidades. As regras que organizam o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação. Essas regras variam cultural e históricamente, revelam os princípios que estruturam a vida pública e indicam como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade. (CALDEIRA, 2000, Pág. 211)

Para Caldeira (2000) a segregação social e espacial é uma marca importante das cidades, pois o espaço urbano é organizado por regras que separam os grupos sociais. Essas regras mudam de acordo com a cultura e a história de cada lugar, e mostram tanto como a vida em sociedade é estruturada quanto de que forma os diferentes grupos se relacionam dentro da cidade.

Em concordância, Lefebvre (1974) demonstra como a segregação não é apenas uma questão de distribuição de pessoas no espaço, mas um produto das relações sociais e de poder. Ao afirmar que o espaço reflete as desigualdades de poder e riqueza, Lefebvre rompe com a ideia de que o espaço é neutro. Ele nos convida a ver as cidades como palcos onde as tensões sociais, as hierarquias e as lutas de poder são materializadas em forma de bairros, estradas e infraestruturas. A segregação é, portanto, o resultado de um processo intencional (ou, no mínimo, sistémico) que molda o espaço para perpetuar o domínio de certos grupos.

Para Lefebvre (1974), o espaço urbano não é um dado, mas é “produzido” por um conjunto de práticas sociais, económicas e políticas. Nesse contexto, a segregação é uma ferramenta de poder, utilizada para organizar a sociedade e manter as hierarquias. A distribuição desigual de recursos, como acesso a serviços de saúde, educação de qualidade, transporte e segurança, não acontece por acaso. Ela é parte de um sistema que concentra privilégios em determinadas áreas, enquanto marginaliza outras. Assim, as áreas segregadas se tornam não apenas locais de residência para grupos específicos, mas também espaços de exclusão, onde a falta de acesso a oportunidades limita a mobilidade social e reproduz a desigualdade entre gerações.

A segregação urbana é um processo complexo que envolve não apenas a separação espacial de diferentes grupos sociais, mas também a construção de barreiras simbólicas e físicas que reforçam as desigualdades, transformando o espaço em uma paisagem de medo e desconfiança. (CALDEIRA, 2000, p. 28).

Através dessa reflexão, Teresa Caldeira (2000) enfatiza que a segregação urbana é um processo complexo que transcende a mera separação espacial de grupos sociais, manifestando-se pela construção de barreiras simbólicas e físicas que não apenas dividem a cidade, mas também reforçam as desigualdades sociais.

Sobrepostos ao padrão centro-periferia, as transformações recentes estão gerando espaços nos quais os diferentes grupos sociais estão muitas vezes próximos, mas estão separados por muros e tecnologias de segurança, e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns. O principal instrumento desse novo padrão de segregação espacial é o que chamo de “enclaves fortificados”. (CALDEIRA, 2000, Pág. 211)

A autora argumenta que a criação de enclaves, como condomínios fechados ou cidades planejadas isoladas, reflete uma busca por segurança e privilégio que, em última instância, acentua a fragmentação do tecido urbano e perpetua a distância entre as classes sociais, transformando o espaço em um reflexo das hierarquias e da desconfiança. Por outro lado, a ideia de barreiras simbólicas e físicas é central para entender como a cidade se fragmenta. As barreiras físicas, criam enclaves isolados que se tornam ilhas de privilégio. Já as barreiras simbólicas operam na percepção e no comportamento das pessoas, gerando um sentimento de pertencimento a um grupo e de exclusão em relação a outro, como se observa na Centralidade do Kilamba.

Por outro lado, David Harvey (2014) em sua análise sobre a cidade afirma que,

O direito à cidade como hoje existe, como se constitui atualmente, encontra-se muito mais estreitamente confinado, na maior parte dos casos, nas mãos de uma pequena elite política e econômica com condições de moldar a cidade cada vez mais segundo suas necessidades particulares e seus mais profundos desejos. (HARVEY, 2014, p. 63)

A Centralidade do Kilamba é um exemplo perfeito da tese de Harvey. A sua construção não foi um projeto participativo que buscou atender às necessidades da maioria da população de Luanda. Pelo contrário, foi um empreendimento monumental planejado e executado por uma elite política e econômica, com o objetivo de criar um espaço moderno e organizado, principalmente para a classe média. Ao fazer isso, essa elite exerceu seu direito à cidade de forma exclusiva, moldando o espaço urbano de acordo com seus interesses particulares de lucro e segurança, sem levar em conta as comunidades vizinhas.

Esse processo resultou na segregação socioespacial que hoje caracteriza a área. Em vez de promover a inclusão e o desenvolvimento equitativo, o Kilamba criou uma ilha de privilégio, cercada por bairros carentes de infraestrutura e serviços básicos. Razão pela qual, a teoria de Harvey ganha força ao observarmos que o direito à modernidade e à qualidade de vida na cidade foi confinado nas mãos de uma pequena elite. A maioria da população que vive nos arredores, sem a mesma capacidade de influenciar as decisões urbanas, perdeu o seu direito de participar na construção de uma cidade mais justa, reforçando as desigualdades existentes.

Paralelamente, a coesão social é um conceito fundamental para a construção de comunidades resilientes e inclusivas. Conforme afirma Raquel Rolnik (1997),

A legislação urbana, em vez de ser um instrumento de integração, tem sido historicamente utilizada para excluir e segregar, definindo onde se pode morar e quem pode morar em cada lugar, produzindo, assim, uma cidade fragmentada e sem coesão social. (ROLNIK, 1997, p. 30).

Diante disso, a autora aponta para a necessidade de políticas que não apenas reconheçam a diversidade das populações urbanas, mas que também promovam a inclusão e a equidade. A coesão social é, portanto, um antídoto contra a segregação, sendo essencial para a promoção de um ambiente urbano saudável e integrado. No entanto, a coesão social depende da interação, da mistura e da solidariedade entre diferentes grupos sociais. Em síntese, ao usar a lei para definir onde cada um pode morar, a cidade se torna um mosaico de ilhas isoladas de acordo com a classe social, onde os bairros serão segregados e fragmentados, impedindo a construção de laços sociais, pautados pela confiança mútua e o senso de comunidade, em vez de uma cidade integrada, onde todos compartilham dos mesmos serviços e oportunidades.

Conforme argumenta Putnam (2000) o capital social são as redes de relacionamentos, as normas de confiança e de reciprocidade que existem dentro de uma sociedade e que facilitam a cooperação e a ação coletiva para um benefício mútuo. Todavia, a coesão social é a manifestação de uma sociedade que funciona bem, enquanto o capital social é o combustível que faz essa sociedade funcionar.

O capital social refere-se às conexões entre indivíduos, relações sociais, e as normas de reciprocidade e confiabilidade que surgem delas. Nesse sentido, o capital social relaciona-se de perto com o que alguns chamam de virtude cívica. A diferença é que o capital social chama a atenção para o fato de que a virtude cívica é mais poderosa quando se está inserida numa densa rede de relações sociais recíprocas. Uma sociedade de muitos indivíduos virtuosos, mas isolados não é necessariamente rica em capital social. (PUTNAM, 2000, P. 33)

De acordo com Putnam (2000) o problema moderno *bowling alone*⁵ é o esgotamento do capital social, que por sua vez leva a uma redução da coesão social, resultando em uma sociedade mais fragmentada, desconfiada e menos cooperativa.

Os indicadores de segregação urbana são fundamentais para a compreensão desse fenômeno, sendo que estes medem a distribuição desigual de diferentes grupos sociais (por exemplo, por renda, etnia, educação) no espaço geográfico, como bairros ou cidades. Eles mostram o quanto a sociedade está dividida em ilhas de pessoas com características semelhantes. Contudo, esses indicadores permitem avaliar como a segregação impacta a qualidade de vida das populações, revelando a profundidade das desigualdades urbanas.

⁵ *Bowling alone* é uma expressão usada pelo cientista político Robert D. Putnam que se tornou uma metáfora poderosa para descrever o **declínio do capital social e da participação cívica** nos Estados Unidos.

Os principais indicadores de segregação e suas contribuições para o Kilamba:

- ❖ **Índice de Dissimilaridade (Villaça, 1998):** É fundamental para verificar se a ocupação do Kilamba é desigual. Ele identifica se pessoas de diferentes níveis de renda estão vivendo em áreas muito distantes umas das outras.
- ❖ **Índice de Entropia (Rolnik, 2015):** Ajuda a avaliar se o projeto habitacional resultou em um espaço homogêneo (com pouca diversidade social) ou se conseguiu promover uma mistura de classes.
- ❖ **Análise de Cluster (Ribeiro, 2013):** Permite mapear se a população está se organizando em ilhas ou agrupamentos socioeconômicos isolados.
- ❖ **Indicadores de Proporção (Santos, 1993):** Revelam se a fragmentação e as desigualdades territoriais observadas no Kilamba repetem os padrões de exclusão encontrados em grandes cidades.

Os principais indicadores da coesão social e suas contribuições para o Kilamba:

- ❖ **Confiança Social (Putnam, 2000):** Mede se os moradores do Kilamba conseguem construir laços de confiança mútua e redes sociais. Este é o alicerce de uma comunidade unida.
- ❖ **Participação Cívica (Avritzer, 2002):** Verifica o nível de engajamento comunitário. É importante saber se o Kilamba estimula os cidadãos a participarem ativamente das decisões e da vida coletiva.
- ❖ **Diversidade Cultural (Ribeiro, 1995):** Avalia se o bairro promove a aceitação e a convivência harmoniosa entre pessoas de diferentes origens sociais e culturais.
- ❖ **Percepção de Segurança (Caldeira, 2000):** Examina se o Kilamba é percebido como um espaço seguro. O medo pode levar ao isolamento, enquanto a sensação de segurança incentiva a convivência e o uso dos espaços públicos.

Em resumo, o uso desses indicadores permite uma análise completa para determinar se o Kilamba é apenas um conjunto de edifícios ou se está se desenvolvendo como um espaço socialmente integrado e coeso.

6.2. HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO DA CENTRALIDADE DO KILAMBA

A Centralidade do Kilamba é uma das mais recentes cidades projetadas em Angola, localizada no sul de Luanda, no município de Belas. O Kilamba é reconhecido como o maior empreendimento habitacional de Angola, com capacidade para acomodar mais de dezenove mil pessoas. A cidade de Kilamba possui mais de 25 mil apartamentos. Foi inaugurada em 2011 pelo ex-presidente de Angola, engenheiro José Eduardo dos Santos. (TV TALATONA, 2021)

Rodrigues (2007) sublinha que segundo o ex-presidente de Angola José Eduardo dos Santos, a nova centralidade do Kilamba, se considera parte do processo de ligação entre o antigo centro da cidade (a cidade colonial) e o novo centro, localizado na região sul. A cidade do Kilamba foi planejada em uma área onde já havia pequenas comunidades ou musseques, formada principalmente por populações que baseiam seu sustento principalmente na agricultura. Entre esses, há alguns são nativos da região e outros são migrantes. Como exemplo, os habitantes do Bairro 11 de novembro que residiam nas áreas ao redor da cidade do Kilamba antes das primeiras construções e subsequente inauguração.

Um dos aspectos mais marcantes, foi o dinamismo na construção da centralidade do Kilamba. No entanto, em poucos anos, edifícios residenciais de todos os tipos, escolas, creches e infra-estrutura rodoviária foram rápida por concluir em 31 de agosto 2008. Foi o Presidente José Eduardo dos Santos que inaugurou oficialmente a central em 11 de julho de 2011 e lançou a primeira pedra do mesmo, o que o representou um marco histórico na cidade de Luanda, e na expectativa do Angolanos sobre a possibilidade de ter realizado o sonho da casa. O projeto que foi desenvolvido em três etapas. A primeira fase inclui 115 edifícios, o que um total de 3.800 apartamentos das categorias T3, T3+1 e T5. Os prédios foram alocados em 24 quarteirões, de A a Z, exceto as letras O e I (BARBOSA, 2023)

A ambição de transformar Luanda em uma metrópole global, como ilustrado no discurso de 2011 de José Eduardo dos Santos, revelava a visão estratégica por trás de projetos como a cidade do Kilamba.

A inauguração da cidade do Kilamba como elo de transição para a nova cidade Luanda, que se situará junto a margem do rio Kwanza [com essa inauguração, queira dizer], não escondemos a nossa ambição de inserir Luanda no conjunto das maiores e mais belas cidades do mundo. São passos como os que hoje damos confirmam a nossa vontade de continuar a dar satisfação a uma das mais candentes necessidades do nosso povo. (JES, discurso de inauguração da cidade do Kilamba, Luanda, 2011).

Essa perspectiva revela a importância histórica e política da cidade do Kilamba, que foi concebida como um símbolo de progresso e uma resposta direta às demandas sociais da época.

O projeto original da centralidade do Kilamba implicava uma área de terra extensa, com 710 edifícios de habitação, 24 creches, 9 escolas primárias, 8 liceus e 50 km de estradas. A infraestrutura prevista compreendia água de abastecimento, esgotos e energia, bem como recreação e instalações comerciais. A escala do projeto refletia a aspiração a criar uma cidade inteira, capaz de satisfazer as necessidades de uma grande população.

Conforme, resume Damião (2018) os apartamentos da Cidade do Kilamba são do tipo T3, T3+1 e T5, em edifícios de 5,9,11 e 13 andares. Ainda foi-se criado infraestruturas urbanas internas, como de estradas e acessos, a rede elétrica e iluminação pública, o abastecimento domiciliar de água potável, estação de tratamento de águas, a rede de telecomunicações e os trabalhos de paisagismo. Em concordância, Artur (2024) sublinha que a infraestrutura moderna da Centralidade do Kilamba inclui edifícios residenciais, escolas, hospitais, zonas comerciais e de lazer. Construída com padrões contemporâneos, esta infraestrutura oferece um ambiente planificado de cidade com potencial para atrair os investimentos.

Inicialmente Kilamba foi projetado para atrair a classe média, com alto poder aquisitivo. Mas atualmente, a população atual do Kilamba é um mosaico de estratos socioeconômicos diferentes. Há moradores de quase tudo que pode ser imaginado em termos de renda e origem. Nessa condição, pela heterogeneidade que caracteriza a população presente, a centralidade exige mais ofertas de padrões de serviços que sejam ao mesmo tempo variados e abrangentes em suas intenções, afim de atender as necessidades de todos os residentes.

Conforme destaca Barbosa (2023) que,

Três anos após a sua abertura ao público, a Centralidade do Kilamba hoje é habitada essencialmente por famílias de poucos membros e uma forte presença da população jovem [...] Uma característica interessante é a disposição dos moradores, onde tem-se a concentração de trabalhadores de um mesmo setor de atividade num mesmo quarteirão, isto em decorrência de alguns privilégios a que algumas instituições se beneficiaram. O quarteirão A, por exemplo, é maioritariamente habitado por funcionários da Sonangol; o quarteirão Q e R habitados por funcionários das Forças Armadas Angolanas (FAA); e muitos outros cidadãos que preferiram deixar suas antigas residências na Maianga, Cazenga, Viana, Cacuaco, hoje distribuídos nos vários pontos deste bairro urbanizado. (BARBOSA, 2023, pág. 09)

Essa análise revela que a Centralidade do Kilamba, em seus primeiros anos, se formou com uma notável estratificação social e uma demografia específica, composta por famílias jovens e de poucos membros. Por lado, essa análise demonstra um padrão de ocupação onde a afiliação profissional determinava a localização dos moradores, com quarteirões inteiros habitados por funcionários de grandes instituições, sugerindo que o acesso à habitação foi mediado por privilégios institucionais, fazendo com que o Kilamba não fosse apenas um projeto

de habitação, mas uma nova cidade que refletiu e consolidou as hierarquias sociais de Luanda, ao mesmo tempo em que reconfigurava o mapa urbano da capital. (CASA KIANDA).

6.3. IMPACTOS DA SEGREGAÇÃO URBANA E DO ISOLAMENTO SOCIAL NO COTIDIANO DOS MORADORES (2017 A 2024)

A segregação urbana, entendida como a distribuição desigual de grupos sociais no espaço da cidade, é um fenômeno que transcende a mera geografia. Ela se manifesta na fragmentação das dinâmicas sociais e no acesso desigual a recursos e serviços. Conforme aponta Castells (2000), a forma urbana reflete e reforça as contradições sociais e econômicas, criando áreas de privilégio e de carência.

Em sua reflexão, Villaça (2001) percebe e argumenta que,

A segregação espacial é um mecanismo fundamental de reprodução da estrutura de classes, onde a localização na cidade se torna um marcador de posição social e de acesso aos recursos. O espaço não é um mero reflexo, mas um fator ativo na produção da desigualdade. (VILLAÇA, 2001, p. 115).

Villaça (2001) demonstra que ao dividir a cidade por classes sociais, a localização de uma pessoa se torna um fator decisivo para o acesso a recursos essenciais como educação, saúde e emprego, gerando um ciclo de desigualdade, onde o isolamento físico se transforma em exclusão social, limitando as oportunidades e a interação entre diferentes grupos.

O isolamento social é uma consequência comum da segregação residencial e refere-se à falta de interação e apoio social entre os indivíduos. Néstor García Canclini (2001) argumenta que a falta de interações sociais significativas pode levar ao empobrecimento das relações comunitárias. O autor sugere que a urbanização contemporânea, muitas vezes, resulta em um ambiente onde as pessoas se tornam mais isoladas, dificultando a construção de laços sociais. Essa realidade é particularmente relevante para análise do contexto do Kilamba, onde a configuração do espaço pode não favorecer a convivência.

Ao perceber essa dinâmica, Durkheim (2004) ressalta que,

A sociedade é o terreno natural da existência humana, e o homem só se humaniza verdadeiramente nela. O isolamento absoluto é o pior dos suplícios, e o indivíduo dele afastado entra em estado de desagregação moral e de angústia. (DURKHEIM, 2004, p. 28).

Para o autor, a sociedade é o ambiente fundamental onde a moral, a ética e a identidade são construídas. Onde o isolamento, nesse contexto, não é apenas uma condição física, mas uma privação de tudo o que torna a vida significativa. Durkheim (2004) chega a conclusão que

o indivíduo isolado perde o senso de pertencimento, os laços que o conectam aos outros e, consequentemente, entra em um estado de desagregação moral⁶ e de angústia.

Segundo Berger e Luckmann (2004), a percepção que os indivíduos têm da realidade é construída por meio das interações sociais. Quando essas interações se tornam escassas, o mundo social do indivíduo tende a se encolher, o que pode fragilizar sua própria noção de realidade.

Além das questões materiais, a segregação urbana tem um profundo impacto no tecido social, gerando o isolamento social. A vida nas grandes metrópoles, com sua perversidade e fluidez, tende a enfraquecer os laços de vizinhança e solidariedade, um aspecto ressaltado por Santos (2008). A modernidade, em sua versão líquida, dissolve as comunidades estáveis e as relações duradouras, resultando em indivíduos que, mesmo rodeados por milhões, se sentem profundamente sós, um conceito central na obra de Bauman (2007).

A falta de acesso a serviços básicos é um dos impactos mais diretos da segregação e do isolamento social. A distância de hospitais, escolas de qualidade e áreas de lazer limita as oportunidades e perpetua o ciclo de desigualdade. Santos (2012) argumenta que, a cidade é um espaço de fragmentação e de incompletude, onde cada porção do território tem acesso a um nível diferente de bens e serviços. Da mesma forma, Harvey (2005) discute como as lógicas do mercado criam cidades desiguais, onde a mobilidade social é um privilégio para poucos.

A segregação urbana atua como uma barreira física e simbólica, moldando a rotina dos moradores. A localização na cidade torna-se um marcador de posição social, influenciando o acesso a serviços e oportunidades. Flávio Villaça (2001) argumenta que o espaço não é um mero reflexo, mas um fator ativo na reprodução da desigualdade, pois viver em áreas segregadas limita o acesso a educação, saúde e empregos de qualidade. Além disso, a segregação restringe o contato com a diversidade. Jacobs (2011) argumenta que o sucesso de uma cidade depende da diversidade de usos e pessoas. Ela critica o planejamento urbano moderno que cria áreas monofuncionais (somente residenciais, por exemplo) e que isola as comunidades.

Para Jacobs (2001), o contato diário e informal com diferentes pessoas, que ela chama de balé das calçadas, é essencial para a vitalidade, segurança e o senso de comunidade. A falta

⁶ Para Durkheim, a desagregação moral acontece quando as normas e os valores de uma sociedade perdem força. A pessoa se sente perdida porque as regras que antes a guiavam não são mais claras. Isso gera um estado de anomia, ou seja, a ausência de normas, fazendo com que o indivíduo se sinta isolado e sem propósito.

desses encontros e a convivência em ambientes homogêneos no contexto da Centralidade do Kilamba, pode resultar em um empobrecimento da vida urbana e na perda do capital social ⁷.

Considerando o recorte temporal deste estudo (2017-2024), entre esse período de tempo, consta a fase da pandemia de COVID-19, que foi um acontecimento de impacto global. Dados coletados de uma reportagem do Canal de notícias Kilamba News avaliando as percepções dos moradores sobre o impacto da Covid-19 em suas vivências, demonstrou efeitos socioeconômicos significativos na Centralidade do Kilamba. Diante de uma economia amplamente dependente de importações e com uma forte presença do comércio informal, os depoimentos revelaram que as dificuldades se manifestaram para todos os residentes, independentemente de sua condição social, reforçando a vulnerabilidade de um modelo econômico com fragilidades estruturais. O confinamento e as restrições econômicas, impostos pelas medidas sanitárias, tiveram um efeito adverso notável nos setores econômicos e nas famílias. Relatos indicaram que a crise sem precedentes gerou um cenário de incerteza, com a elevação dos preços de bens e serviços essenciais. Consequentemente, houve um aumento do desemprego, que resultou em um crescimento da delinquência e na percepção de insegurança entre os moradores da centralidade. No setor informal, a situação foi particularmente grave, com relatos de que a renda diária se transformou em rendimento semanal, demonstrando uma severa diminuição do poder de compra e do sustento das famílias. Apesar das dificuldades, a resposta da comunidade foi mista (KILAMBA NEWS, 2020).⁸

Assim sendo, o isolamento social tem um efeito ainda mais profundo, minando a coesão social e a saúde mental dos indivíduos. A ausência de espaços públicos e de uma cultura de vizinhança fragmenta as relações. Berger e Luckmann (2004) argumentam que a realidade social é construída através das interações; quando essas interações são escassas, a noção de realidade do indivíduo pode ser fragilizada. Bauman (2003) complementa essa visão, afirmando que a busca por segurança em comunidades fechadas não gera laços de solidariedade, mas sim um refúgio da solidão. O resultado é um paradoxo: pessoas cercadas por outras, mas vivendo em um estado de profundo isolamento. No contexto da Centralidade do Kilamba, o isolamento se reflete na rotina dos moradores, que se restringem a seus apartamentos, escritórios, com

⁷ Capital social se refere às redes de relacionamentos e cooperação que existem em um grupo, seja ele um bairro, uma empresa ou uma comunidade. É um conjunto de laços, normas de confiança e valores compartilhados que permitem que as pessoas trabalhem juntas de forma mais eficaz para alcançar objetivos comuns.

⁸ KILAMBA NEWS. Moradores do Kilamba falam do impacto da covid-19 nas suas economias. 23 jun. 2020. Disponível em: <https://kilambanews.com/moradores-do-kilamba-falam-do-impacto-da-covid-19-nas-suas-economias/>.

pouca interação entre si e com o ambiente externo, perdendo a oportunidade de construir um senso de comunidade.

6.4. COESÃO SOCIAL E CONVIVÊNCIA COMUNITÁRIA NO KILAMBA (2017 A 2024)

A coesão social em uma cidade planejada como o Kilamba representa um desafio fundamental, pois a comunidade não se forma organicamente, mas é o resultado de uma construção deliberada. Diferente da solidariedade mecânica que unia sociedades tradicionais, a vida urbana contemporânea exige uma solidariedade orgânica, baseada na interdependência de indivíduos com funções distintas, um conceito central na obra de Durkheim (1999). A convivência no Kilamba, portanto, não pode ser reduzida à proximidade física, pois, como argumenta Jacobs (2011), uma rua ou um bairro só ganha vida com a complexa e espontânea interações sociais.

Para introduzir essa discussão, Henri Lefebvre (2006) contribui para a discussão sobre a convivência social ao analisar a produção do espaço urbano. Ele argumenta que o espaço não é apenas um local físico, mas um produto das interações sociais. Lefebvre (2006) sugere que a forma como o espaço é organizado pode facilitar ou dificultar a convivência entre os moradores. Essa perspectiva é especialmente relevante para o Kilamba, onde o planejamento urbano pode impactar diretamente as relações sociais.

De acordo com as análises de Bauman (2001), atualmente,

Parece não ser de grande importância projetar modos alternativos de estar juntos, forçar a imaginação a visualizar uma sociedade que sirva melhor à causa da liberdade e da segurança, com planos de justiça administrada socialmente. Nossas dependências agora são de fatos globais. No entanto, nossas ações são, como antes, locais. (BAUMAN, 2008, Pág. 189)

Nessa análise o autor ressalta a dificuldade de imaginar novas formas de convivência em um mundo globalizado, onde as ações continuam sendo locais. No contexto do Kilamba (2017–2024), isso se reflete nos esforços para fortalecer os laços comunitários e promover inclusão e pertencimento, mostrando que a convivência social ainda se constrói no dia a dia, por meio de ações locais que buscam justiça e solidariedade.

Por conseguinte, a busca por uma comunidade estável nas cidades contemporâneas é um desafio, visto que a modernidade líquida de Bauman (2001) dissolve os laços sociais tradicionais e os substitui por relações frágeis e temporárias. Logo, para Bauman (2001),

[...] A “Comunidade” é hoje a última relíquia das utopias da boa sociedade de outrora; é o que sobra dos sonhos de uma vida melhor, compartilhada com vizinhos melhores, todos seguindo melhores regras de convívio. Pois a utopia da harmonia reduziu-se, realisticamente, ao tamanho da vizinhança mais próxima. (BAUMAN, 2001, p. 118).

A fragilidade das relações sociais nas áreas segregadas e isoladas tem como consequência a perda do senso de comunidade e da capacidade de mobilização social. A vida em ambientes desprovidos de coesão social dificulta a organização de movimentos de luta por direitos e melhorias, um ponto central na análise de Castells (2000). A modernidade líquida, por sua vez, fragmenta as identidades coletivas e fortalece o individualismo, enfraquecendo a solidariedade e a empatia, conforme aponta Bauman (2007).

A “identidade” deve a atenção que atrai e as paixões que gera ao fato de ser um *substituto de comunidade*, daquele “lar natural” que não está mais disponível que o mundo privado e individualizado que se globaliza, e que por essa razão pode ser imaginado como um abrigo aconchegante de segurança e confiança, e como tal, ardenteamente desejado. (BAUMAN, 2008, Pág. 192)

Ao olhar por esse ângulo, percebe-se que identidade comunitária é um aspecto crucial para a coesão social. Em concordância com Bauman (2008), Alfredo Bosi (1992) discute como a identidade cultural e social de um grupo pode fortalecer os laços entre seus membros. Ele argumenta que a construção de uma identidade compartilhada é fundamental para a convivência e a solidariedade entre os indivíduos. No Kilamba, onde os moradores vêm de diferentes contextos, promover uma identidade coletiva pode ser um desafio, mas também uma oportunidade.

Sobre pensar a coesão social, analisando questões como segurança, medo e confiança. Hazeldon diz que,

Hoje a primeira questão é a segurança. Queiramos ou não, é o que faz a diferença.... Quando cresci, em Londres, tínhamos uma comunidade. Você não fazia nada de errado porque todos o conheciam e contariam para seu pai e mãe.... Queremos recriar isso aqui, uma comunidade que não precisa de se preocupar (HAZELDON, apud BAUMAN, 2001, p. 118).

Em concordância, Giddens (1991) enfatiza que a confiança mútua é o elemento fundamental de todas as relações sociais. Sem confiança, a sociedade moderna, com sua complexidade e anonimato, não poderia funcionar. Logo, a coesão social também está relacionada à confiança e ao sentimento de pertencimento. Quando os indivíduos se sentem parte de uma comunidade, eles tendem a se envolver mais nas atividades locais e a colaborar entre si.

No entanto, a falta de interação e de espaços que promovam a convivência pode levar à desconfiança e ao isolamento. Assim, a coesão social no Kilamba depende não apenas da presença física dos moradores, mas também da criação de um ambiente que favoreça a interação e o diálogo. Segundo Lefebvre (1991), a vida em ambientes urbanos segregados se torna monótona. Ao esvaziar o cotidiano de encontros e interações com o outro, esses espaços perdem sua vitalidade e sua capacidade de gerar um senso de comunidade.

Martha Nussbaum (2011) discute a importância das capacidades humanas para a construção de uma sociedade justa e coesa. Ela argumenta que, para promover a convivência, é essencial garantir que todos os indivíduos tenham acesso a oportunidades que desenvolvam suas capacidades e potencialidades. Essa perspectiva é fundamental para entender como as políticas públicas podem impactar a coesão social no Kilamba, através da implementação de programas como Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV)⁹ instituído pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS), os encontros dos grupos são realizados nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) em comunidades ou bairros no Brasil.

7. METODOLOGIA

A determinação de um trajeto e metodologia a serem adotados durante o período de estudo, constituem sem dúvida, um processo crucial para que qualquer pesquisa que se espera bem-sucedida possa progredir de maneira eficaz para atingir os objetivos propostos. Considerando a importância de estabelecer padrões que facilitem a realização dos objetivos propostos, neste estudo, realizaremos pesquisa bibliográfica, análise documental e recortes de notícias.

Segundo Fonseca (2002, p.31), todo estudo científico começa com uma pesquisa bibliográfica, o que possibilita ao pesquisador entender o que já foi pesquisado sobre o tema. Para iniciar uma pesquisa bibliográfica, é necessário que o pesquisador já possua um entendimento prévio sobre o tema. Esse tipo de estudo possibilitará um entendimento mais aprofundado do que ele busca entender.

Gil (2008) nos mostra que a pesquisa bibliográfica é realizada de maneira metódica, com base em conteúdo previamente existente ou já elaborado, principalmente livros e artigos

⁹ Trata-se de um serviço socioassistencial destinado a crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, com o objetivo de fortalecer os vínculos familiares e comunitários, prevenindo situações de risco, exclusão e violação de direitos. Por meio de atividades coletivas como oficinas de arte, esporte, cultura, informática e convivência intergeracional, o programa promove o desenvolvimento pessoal e comunitário, incentivando a solidariedade, o sentimento de pertencimento e o respeito à diversidade.

científicos, jornais e revistas. Apesar de quase todos os estudos demandarem algum tipo de trabalho desse tipo, existem estudos que são exclusivamente baseados em fontes bibliográficas. A maioria das pesquisas exploratórias pode ser caracterizada como pesquisas bibliográficas.

[...] a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (GIL, 2008, p. 51).

Por essa razão, adotaremos esse procedimento metodológico para alcançar nossos objetivos. Utilizaremos materiais já elaborados por outros autores que abordaram produções acadêmicas relacionadas a temática em causa, a fim de obter um melhor embasamento com suas pesquisas. Também analisaremos trabalhos teses de estudantes angolanos de outros países, além de artigos científicos e livros que tratem da segregação, coesão social, urbanização em Angola, impactos do isolamento social.

Por conseguinte, conforme Gil (2002) a análise de documentos é muito parecida com a pesquisa bibliográfica. A conexão fundamental entre elas reside na natureza das suas fontes. Em contraste com a pesquisa bibliográfica, que se baseia principalmente nas contribuições de vários autores sobre um tema específico, a pesquisa documental utiliza materiais que ainda não passaram por uma análise aprofundada, ou que ainda podem ser reestruturados conforme os objetivos do estudo.

O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas cabe considerar que, enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas sobretudo por material impresso localizado nas bibliotecas, na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. Há, de um lado, os documentos "de primeira mão", que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc. (Gil, 2002, Pág. 46)

A análise documental abrangerá leis oficiais, plano urbanístico da centralidade do Kilamba, relatórios técnicos e políticas públicas que tenham contribuído para a estruturação urbana e social da centralidade do Kilamba. Por conseguinte, serão consultados documentos emitidos pelo Governo da República de Angola, Ministério das Obras Públicas, Urbanismo e Habitação (MINOPUH) de Angola.

Essa análise visa compreender como o projeto foi concebido, regulamentado e executado, permitindo identificar contradições entre o planejamento urbano oficial e a vivência

social cotidiana, tal como destaca Cellard (2008), a análise documental permite reconstruir o contexto e os interesses institucionais por trás de uma política pública ou projeto urbanístico.

Além disso, serão coletados e analisados recortes relevantes ao tema de páginas oficiais de jornais, canais de notícias online e portais digitais angolanos, como Jornal de Angola, Rede Angola, Novo Jornal, buscando coberturas críticas sobre o Kilamba. Esses recortes servirão como fontes primárias de análise discursiva e permitirão observar as representações sociais e os discursos midiáticos sobre a centralidade.

A metodologia é a abordagem empregada para alcançarmos nossos objetivos de pesquisa. Assim sendo, para atingir os objetivos desta pesquisa, utilizaremos a abordagem qualitativa exploratória, que emprega diversos métodos interativos e humanistas. Isso ocorre porque ela leva em conta o aspecto subjetivo que priorizamos em nossa proposta de estudo em nosso objeto de pesquisa.

Segundo Fonseca (2002, p.20), a pesquisa qualitativa se dedica a elementos da realidade que não são passíveis de quantificação, focando na interpretação e na explicação da dinâmica das interações sociais. Podemos entender a perspectiva abrangente que esse tipo de pesquisa oferece no raciocínio mais complexo; ela não se limita apenas como uma estratégia, ela nos oferece oportunidades para entender e interpretar os objetivos estabelecidos e também nos proporciona uma perspectiva sobre o mundo e as questões sociais que estão focados em uma sociedade específica.

Por outro lado, Minayo (2001, p.21-22) afirma que a pesquisa qualitativa responde a questões muito específicas. Ela se dedica, nas ciências sociais, a um nível de realidade que não é passível de quantificação. Em outras palavras, ela lida com o universo de significados, propósitos, aspirações, convicções, valores e comportamentos, o que equivale a um espaço mais intrínseco das relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à implementação de variáveis.

Portanto, a pesquisa exploratória se justifica por tratar-se de um tema pouco aprofundado na literatura acadêmica angolana, sobretudo com enfoque na centralidade do Kilamba como espaço urbano de estudo. Segundo Gil (2002), defende que a pesquisa exploratória tem como finalidade proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e permitindo a construção de hipóteses futuras.

A coleta de dados por meio de questionários e entrevistas semiestruturadas justifica nossa opção pela abordagem qualitativa, uma vez que esse método permite uma compreensão mais aprofundada sobre a convivência comunitária, coesão social, segregação e seus efeitos,

além dos impactos do isolamento social. A entrevista e a aplicação dos questionários serão realizadas de maneira remota (online), o que facilitará a disponibilidade dos participantes e se adequará às suas rotinas diárias.

[...] A entrevista é a que apresenta maior flexibilidade. Tanto é que pode assumir as mais diversas formas. Pode caracterizar-se como informal, quando se distingue da simples conversão apenas ter como objetivo básico a coleta de dados. Pode ser focalizada quando, embora livre, enfoca tema bem específico, cabendo ao entrevistador esforçar-se para o entrevistado retorna ao assunto após digressão. (GIL, 2002, p.117)

Por se tratar de um pré-projeto para a conclusão do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, optei pela escolha desses métodos e fontes. No entanto, para o processo de amadurecimento da pesquisa e sua apresentação como artigo ou monografia, planejo aprofundar esses métodos e criar outros que possam contribuir e nos auxiliar a conduzir a pesquisa de maneira mais profunda, eficiente e bem-sucedida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Luienkaki0. **Uma leitura da urbanização recente da cidade de Luanda a partir da teoria dos dois circuitos da economia urbana.** *PerCursos*, Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 167–210, 2022. DOI: 10.5965/1984724623512022167. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/21071>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- ARTUR, Dumilde Virgílio Carvalho. **A URBANIZAÇÃO NO SUL DE LUANDA: transformações e segregação espacial nos musseques agrícolas.** [s.l: s.n.]. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/32138/1/DumildeVirg%C3%ADlioCarvalhoArtur_Dissert.pdf, 2024. Acesso em: 16 set. 2025.
- AVRITZER, Leonardo; COSTA, Sérgio. **Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina.** Rio de Janeiro, 2004.
- BARBOSA, L. F. **Construção Participativa de Indicadores de Sustentabilidade como Suporte de Tomada de Decisão para a Qualidade de Vida nas Comunidades em Luanda (Angola): Estudo de Caso na Centralidade do Kilamba 1.** 2023. Disponível em: <https://www.academia.edu/30331435/Constru%C3%A7%C3%A3o_Participativa_de_Indicadores_de_Sustentabilidade_como_Suporte_de_Tomada_de_Decis%C3%A3o_para_a_Qualidade_de_Vida_nas_Comunidades_em_Luanda_Angola_Estudo_de_Caso_na_Centralidade_do_Kilamba_1?auto=download>. Acesso em: 16 set. 2025.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas.** Tradução José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- Bourdieu, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo.** São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade.** São Paulo: Editora 34, 2001.
- CASA KIANDA. **Kilamba a nova cidade - Luanda Angola**, 2 de nov. De 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i6ZeVEdsQNQ>> Acesso: 16 de set. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A cidade e as massas: Sociologia dos movimentos sociais urbanos.** Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** Paz e Terra, 1999.

CELLARD, André. **A Análise Documental.** In: POUPART, J. et al. (Orgs.) **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295 - 316.

Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Disponível em: <<https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/suas/servicos-e-programas/convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>>. Acesso em: 09 Out. 2025.

COSTALONGA, Iasmin Favin; LARA, Debora Menezes de; BELÉM, Vinicius Gonçalves. **Morfologia Urbana e a Segregação Social em Luanda.** *Vernácula: territórios contemporâneos*, v. 2, n. 8, p. 81-99, 2024.

DURKHEIM, Émile. **A Divisão do Trabalho Social.** São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: https://pedropeixotoferreira.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/durkheim_1999_da-divisao-do-trabalho-social_bookmfontes.pdf

Durkheim, Émile. **Da divisão do trabalho social.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio: estudo de sociologia.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica.** Ceará: UECE – Universidade Estadual do Ceará, 2002.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: Unesp, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** - 4.ed. - São Paulo: Atlas, 2002

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas: 2008.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo.** São Paulo: Loyola, 2005.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 2014. Disponível: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/David-Harvey-Cidades-rebeldes.pdf>

HENRIQUES, Isabel Castro. **Percursos da modernidade em Angola. Dinâmicas comerciais e transformações sociais no século XLX.** Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1998, 836 p.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades Americanas.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. Disponível: <https://favaretoufabc.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/06/jacobs.pdf>, acesso em: 23 set. 2025.

KILAMBA NEWS. Moradores do Kilamba falam do impacto da covid-19 nas suas economias. 23 jun. 2020. Disponível em: <https://kilambanews.com/moradores-do-kilamba-falam-do-impacto-da-covid-19-nas-suas-economias/>. Acesso em: 23 set. 2025.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006

LEFEBVRE, Henri. **A Produção do Espaço.** Tradução de Rubens Eduardo Frias e Pedro Vasquez. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021. (Trabalho original publicado em 1974)

LEFEBVRE, Henri. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno.** São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

LUSA, Agência. **Segunda fase do Kilamba vai avançar - Rede Angola - Notícias independentes sobre Angola.** Disponível em: <<http://m.redeangola.info/segunda-fase-do-kilamba-vai-avancar/>>. Acesso em: 30 set. 2025.

MINAYO, Maria Cecília De Sousa (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome Secretaria Nacional de Assistência Social -SNAS. **CADERNO DE ORIENTAÇÕES** [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/Cartilha_PAIF_1605.pdf>.

PEARCE, Justin; MARQUES, Rafael. **A guerra civil em Angola 1975-2002**, 2017

NUSSBAUM, Martha. **As Capacidade e a Justiça Social.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PUTNAM, Robert David. **Bowling Alone: O Colapso e o Renascimento da Comunidade Norte-Americana.** São Paulo: Edusp, 2000. p. 33

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: formação e sentido.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Disponível em:

https://arquivos.ufrrj.br/arquivos/20230122460c373778628a6040b374867/RIBEIRO_Darcy_-_O_Povo_Brasileiro.pdf

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; RODRIGUES, Juciano Martins; CORRÊA, Filipe Souza. **Segregação Residencial e Mercado de Trabalho nos Grandes Espaços Urbanos Brasileiros: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza, Brasília, Belém, Manaus, Campinas, Goiânia, Florianópolis, Vitória, Natal e Maringá.** São Paulo, 2013. Disponível em: https://observatoriodasmetropoles.net.br/arquivos/biblioteca/abook_file/relatorio008_2009c.pdf. Acesso: 16 de set.

RODRIGUES, Cristina U. **Trabalho assalariado e estratégias de sobrevivência e reprodução de famílias em Luanda.** ISCTE, Lisboa, 2007.

ROLNIK, Raquel. **A Cidade e a Lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo.** São Paulo: Studio Nobel, 1997.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares: A colonização da terra e da moradia na era das finanças.** Boitempo, 2015.

SANTOS, Daniel dos. **Encontro entre pobreza e moral em Luanda: urbanização, direitos e violência.** *Sociedade e Estado*, v. 30, n. 1, p. 99–122, jan. /abr. 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** São Paulo: Hucitec, 2002.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira.** EdUSP, 1993.

SANTOS, Milton. **Manual de geografia urbana.** São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2012

TALATONA TV. **Mulheres Rurais: Centralidade do Kilamba.** YouTube, 13 de jan. 2021. Disponível em. <<https://www.youtube.com/watch?v=nmm1BiuCTUc>>. Acesso: 16 de set. 2025.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, 2001.